

*Mina de jogadores: o
futebol operário e a
construção da “pequena
honra”*



MINA DE JOGADORES: O FUTEBOL OPERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DA “PEQUENA HONRA”

RESUMO

A partir de estudo etnográfico nas comunidades mineiras de Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, e de Creutzwald, na Lorena francesa, analiso neste artigo trajetórias de mineiros-jogadores: trabalhadores contratados por seu talento no futebol e que obtinham privilégios na sua ascensão profissional nas companhias carboníferas. Tais práticas, mantidas até os anos 1980, nos permitem refletir sobre o papel do futebol operário na constituição de masculinidades e de identidades sociais nos dois contextos. Esses casos nos revelam ainda os modos pelos quais os pertencimentos às equipes de futebol ligadas às minas desempenham papel central na construção do que denomino de “pequena honra” relacionada ao esporte, ou seja, do valor social atribuído ao indivíduo e incorporado por ele, que deriva de suas habilidades corporais. Nesse universo, essa forma de “pequena honra” está conectada a uma “grande honra”, à imagem de coragem e heroísmo que carregam os trabalhadores das minas subterrâneas.

PALAVRAS-CHAVE

Mineiros de carvão; Pequena Honra; Futebol; Etnografia.

Marta Cioccarì²

MINA DE JOGADORES: O FUTEBOLO OPERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DA “PEQUENA HONRA”¹

Neste artigo, busco explorar a importância social do futebol operário, expressa no amplo espaço ocupado por essa prática esportiva na vida dos trabalhadores das minas de carvão em Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, e em Creuztzwald, na Lorena francesa, e na intensa carga simbólica que ainda mobiliza, mesmo após o fim da última mina de subsolo nos dois contextos. Em Minas do Leão e em Creuztzwald, a exemplo de vilas operárias em diferentes lugares do mundo, as companhias carboníferas ofereceram certa conjugação de fatores para o desenvolvimento de equipes de futebol e de jogadores, tanto pelo incentivo direto a tal sociabilidade quanto pelo fato de o sentido de lazer nessas comunidades ser remetido muito naturalmente aos jogos nas suas diversas formas.³ Neste estudo, parto de dois trabalhos de campo com caráter e duração bastante distintos. Em Minas do Leão, habitei durante seis meses para conduzir minha etnografia de

¹ No que tange à etnografia em Minas do Leão (RS), este artigo é uma versão modificada e resumida de um capítulo da minha tese: CIOCCARI, M. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão*. 2010. 482 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Agradeço a José Sergio Leite Lopes e a Antônio H. Oswaldo Cruz pelas preciosas observações a versões anteriores deste texto. Este artigo também se beneficiou das contribuições de coordenadores e participantes do GT de Antropologia do Esporte durante a VII e a VIII Reunião de Antropologia do Mercosul, em 2007 e 2009, entre os quais destaco Pablo Alabarces, Édison Gastaldo, Simoni Guedes e Luiz Fernando Rojo.

² Antropóloga e jornalista, doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ, atualmente é pesquisadora PRODOC-CAPES no PPGAS-MN-UFRJ. Tem artigos publicados nas revistas *Horizontes Antropológicos*, *Passages de Paris* e *Cadernos de Campo*.

³ A expressão “mina de jogadores”, usada no título deste artigo, inspira-se numa matéria da revista *Relais*, publicada pela companhia carbonífera francesa, Charbonnages de France, após o fechamento das minas do Norte

doutorado sobre a construção social da honra entre mineiros de carvão⁴. Eu vinha de uma pesquisa de mestrado realizada na mesma comunidade, entre 2002 e 2004, e de contatos anteriores na década de 1990 na condição de jornalista. Em Creutzwald, na Lorena francesa, realizei uma imersão de três semanas, em duas incursões a campo, no primeiro semestre de 2008.⁵ Nas duas comunidades, o “espírito do jogo” permeia os laços sociais, com a multiplicação de disputas esportivas, de apostas e de loterias.

Estudos sobre a apreciação do esporte entre camadas populares e sobre a própria prática do futebol destacaram aspectos tais como a ousadia, a manha, a malandragem e o jogo de corpo ³/₄ valores acionados em certa medida por meus interlocutores. Entre as investigações realizadas em outros contextos, registram-se referências à forma pela qual o futebol praticado no clube da fábrica fez surgir uma espécie de “elite operária”, composta por jogadores-operários.⁶ A concessão de

do país. A página era ilustrada com um mapa das minas e os nomes dos jogadores oriundos de cada localidade, sugerindo que, além do mineral, eram “extraídos” dali também os atletas. Efetivamente, alguns ídolos do futebol francês, como Platini e Kopaszewski, eram descendentes de imigrantes- italianos e poloneses ³/₄ que foram trabalhar nas minas de ferro e de carvão da França. Cf. *Une mine de footballeurs. Relais, Charbonnages de France*, 1991, p. 207.

⁴ Os principais resultados estão em: Cioccarri, *op. cit.* Para outros aspectos do trabalho de campo, cf.: CIOCCARI, M. Reflexões de uma antropóloga “andarina” sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 217-246, jul.-dez. 2009.

⁵ Durante estágio de doutorado realizado no Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain do l’École des Hautes Études en Sciences Sociales (CRBC-EHESS), entre novembro de 2007 e agosto de 2008.

⁶ A este propósito, cito, entre estudos realizados no Brasil: RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 402 p.; GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craques. In: DA MATTA, R. *et al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheque, 1982, p. 59-74; LEITE LOPES, J. S. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo/Brasília: Ed. Marco Zero/Ed. UnB, 1988. 623 p.; LEITE LOPES, J. S. e MARESCA, S. A morte da “alegria do povo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20, ano 7, p. 113-134, set. 1992; ANTUNES, F. O futebol nas fábricas. *Revista USP, Dossiê Futebol*, n. 22, p. 102-109, 1994; CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP, Dossiê Futebol*, n. 22, p. 40-49, 1994;

emprego pelas companhias carboníferas aos bons jogadores, assim como privilégios na rotina e na ascensão profissional são verificados tanto em Minas do Leão como em Creutzwald.

Nas narrativas de meus interlocutores, o campo de futebol aparece como cenário de exibição de habilidades e de saberes corporais — da “inteligência” da criação de uma jogada, da “genialidade” de um gol tão bonito que era “uma pintura”, coisa que “que nem um profissional faria”, da irreverência e da resistência física —, de rememoração de *performances*, mas também de integração e de confrontação, palco de episódios de “valentia” memoráveis. Caberiam perfeitamente neste universo as definições de Bromberger de que um jogo exalta o mérito, a competição, mas também o trabalho em equipe, a solidariedade — princípios que são afirmados cotidianamente numa mina de subsolo. O futebol operário é, assim, terreno fértil para a afirmação de identidades e de antagonismos, com o sentimento de pertencimento sendo construído por oposição ao adversário próximo — seja a cidade vizinha ou bairros de uma mesma cidade construídos em torno de distintas minas como em Minas do Leão — ou distante, exacerbando diferenças sociais, políticas e étnicas.⁷

As entrevistas sobre futebol permitem o acesso a um recanto íntimo, onde os objetos de memória do mineiro-jogador, tais como fotos, certificados, faixas de campeão, carteirinha do

ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007. 106 p. No exterior, destacam-se as pesquisas de: NASH, J. *Comemos a las minas y las minas nos comem a nosotros: dependencia y explotación en las minas de estaño bolivianas*. Buenos Aires: Antropofagia, 2008. 360 p.; FRIDENSON, P. Les ouvriers de l'automobile et le sport. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 79, n.1, p. 50-62, 1989; WALVIN, J. *The People's Game*. Edinburgh: Mainstream Publishing, 1994. 224 p.; LINDNER, R. e BREUER, H. Th. SV Sodingen: le dernier club de banlieue. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 103, n.1, p. 52-54, 1994; BROMBERGER, C. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard Éditions, 1998. 216 p.; RENAHY, N. De l'appartenance ouvrière à la représentation territoriale. *Ethnologie française*, XXXI-4, p. 707-715, 2001; FONTAINE, M. Sport, sociabilité et culture politiques en territoire lensois, 1936-1955. *Les cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 31, 2003. Disponível em: <<http://ccrh.revues.org/index308.html>>. Acesso em: 5 nov. 2008.

⁷ BROMBERGER, *op. cit.*, p. 29-58.

clube estão guardados, por vezes de modo aparentemente desordenado no interior de uma velha carteira – mas considerando-se que as carteiras servem para abrigar os documentos, eles são também documentos de identidade e de identificação –; em caixas de papelão, onde a memória dos jogos e das equipes se mistura à história da família, à sucessão de nascimentos, aniversários, casamentos; ou, ainda, decorando estantes e paredes da sala, junto dos retratos de filhos e netos, dos *souvenirs* da mina e das homenagens de toda parte – do “Dia dos Pais”, dos seguidores da equipe de futebol, da câmara de vereadores ou da companhia de carvão ao “mineiro padrão”, etc. Os relatos tanto marcam a hierarquização dos méritos e deméritos, prestígios e desprestígios, honras e desonras (delineando também as reputações⁸ alheias) quanto revelam as *performances*, aquelas do próprio futebol como as artes de narrar.

A relação entre o futebol e as formas de honra surgiu inicialmente durante minha pesquisa em Minas do Leão. Após o fechamento da última mina de subsolo, ocorrida em 2002, percebi que, ao lado da noção de pertencimento ao mundo mineiro, elemento fundamental de sua dignidade, a alimentar uma imagem pública de heroísmo dos trabalhadores nas minas subterrâneas – a “grande honra” da profissão -, havia formas concomitantes que ancoravam o sentimento de orgulho, relacionadas ao esporte, à família, ao sagrado, à origem rural, etc. A essas modalidades de caráter molecular, constituídas na tensão entre o prestígio e o desprestígio, entre o reconhecimento e a desconsideração, estou denominando de “pequena honra”.⁹

⁸ No sentido adotado por Bailey em: BAILEY, F. G. (ed.) *Gifts and poison: the politics of reputation*. Oxford: Basil Blackwell. 1971. 318 p.

⁹ Para a análise sobre a honra, eu me apoio nos estudos sobre a honra conduzidos na Andaluzia (PITT-RIVERS, J. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G. (org.) *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 13-59; e *Anthropologie de l'honneur: la mésaventure de Sicheu*. Paris: Le Sycomore, 1983. 275 p.) e em pesquisas sobre diferentes modalidades de honra (GAUTHERON, M. (org.). *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: LP&M, 1992. 188 p.).

A RIVALIDADE ENTRE AS EQUIPES OPERÁRIAS EM MINAS DO LEÃO (RS)

Quando cheguei a Minas do Leão para a etnografia de doutorado, tinha algumas pistas de que o futebol tinha uma importância singular no cotidiano daquela comunidade. Era possível identificar metáforas dando conta de que o universo da mina era intimamente relacionado ao futebol. A afirmação das condições necessárias para ser mineiro era expressa por meio de jargões futebolísticos. Um dos informantes me dizia que para ser mineiro era preciso “ser homem com H maiúsculo, porque canela de vidro não aguentaria”. Enquanto o futebol é definido comumente como uma “caixinha de surpresas”, a própria mina de subsolo aparecia, um tanto mais dramaticamente, como “uma caixa de segredos”. Na convivência diária, emergia a centralidade desse esporte.

Na região carbonífera do Baixo Jacuí, no Rio Grande do Sul, a história dos times de futebol, varzianos e amadores,¹⁰ encontra paralelo na própria história das companhias de mineração. No fim dos anos 1940 e início dos 1950, surgiram as primeiras equipes organizadas em Minas do Leão — times criados pelos trabalhadores em torno das minas, mas em cuja diretoria figuravam encarregados e engenheiros, havendo em alguns casos patrocínio direto das empresas. Em comparação com as demais vilas mineiras da região, como Arroio dos Ratos, Charqueadas e Butiá, o desenvolvimento do futebol foi relativamente tardio na localidade, acompanhando o próprio florescimento da vila operária. Minas do Leão havia renascido nos anos 1940, depois de um primeiro período de existência e posterior desaparecimento. Nas décadas de 1920 e 1930, em boa parte dos distritos vizinhos, todos pertencentes ao município de São Jerônimo,¹¹ já havia equipes de futebol varziano: o Butiá

¹⁰ Nesta região, há uma hierarquia entre o futebol “varziano”, que diz respeito a uma equipe sem registro oficial, e o “amador”, inscrito na Federação Gaúcha de Futebol. Entre os “varzianos” e os “amadores”, não havia necessariamente diferenças de qualidade, embora os amadores pudessem ter uma preparação física similar à de profissionais.

¹¹ Até novembro de 1960, o município de São Jerônimo era formado pela sede e pelos distritos de Arroio dos Ratos, Butiá e Barão do Triunfo. Depois,

Futebol Clube havia sido fundado em 1926, com o incentivo do engenheiro-chefe da empresa privada Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (Cadem), que havia estimulado também o surgimento do Grêmio Atlético Jeromina, no então distrito de Charqueadas, em 1931. Na sede do município de São Jerônimo, haviam sido criados o Grêmio Esportivo São Jerônimo, em 1935, e o Grêmio Esportivo Riograndense, em 1938, este último utilizando um campo que fora doado pela Câmara de Vereadores. Em outra localidade, Porto do Conde, surgira, em 1937, o Conde Futebol Clube. Na década de 1940, outros times de futebol foram criados no então distrito de Arroio dos Ratos, como as equipes Brasil, Guarani e Estrela. No auge da mineração na região, nos anos 1960, havia em São Jerônimo nove equipes amadoras, inscritas na Federação Gaúcha de Futebol, sem contar uma pluralidade de times varzianos, cujo funcionamento e a duração eram mais irregulares. Os clubes amadores seriam os principais adversários da equipe surgida em Minas do Leão.

Em Minas do Leão, a principal rivalidade — que ainda aquece as disputas e as discórdias — remete ao Atlético Mineiro Futebol Clube e ao Olaria Futebol Clube. A equipe que depois se tornaria amadora, o Atlético, foi fundada em julho de 1950, numa fusão do Itaúna Futebol Clube e do DACM Futebol Clube. Este último sustentava o nome da empresa à qual os jogadores eram vinculados, o Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM), criado em 1947 e que depois se transformaria na Companhia Riograndense de Mineração (CRM), em 1969. Uma das principais conquistas do Atlético como clube amador foi o título de “Campeão do Centenário” do município de São Jerônimo, vencendo outras nove equipes ligadas às minas, no início dos anos 1960. Depois, ainda foi vice-campeão estadual de amadores por dois anos consecutivos.

O principal rival do Atlético na localidade, o Olaria, surgiu no bairro Recreio, em dezembro de 1956, reunindo jogadores que trabalhavam na Mina de São Vicente, de propriedade da família Alencastro, e em uma olaria pertencente à mesma empresa,

o município passou a contar com oito distritos: a sede do município, Charqueadas, Arroio dos Ratos, Butiá, Leão, Morrinhos, Barão do Triunfo e Quitéria.

que acabou inspirando o nome da equipe. Os ex-mineiros Eraldo¹² e Antônio Geret, o “Butiá”, estavam entre os fundadores. Butiá recordava-se dos primeiros tempos:

Olha, eu tinha 16 pra 17 anos quando nós começamos a criar o Olaria. Nos primeiros jogos até a gente botou o fardamento nas costas [conseguiu por conta própria]. Tinha um adversário aqui e lá em cima tinha outro, então nós começamos assim... jogando. Com esses aqui e aqueles lá e fomos indo. Até que a gente montou o time. No começo... os nossos patrões sempre nos deram apoio, nos deram força, né. Isso aí... no que a gente precisasse... não tinha problema nenhum. Fardamento também, quando a gente se apertava, ia lá: “Ó doutor, precisamos...”. Ele prontamente dava um jeito.

Filho de antigo operário da Mina de São Vicente, Butiá nasceu no então distrito de Butiá, em uma família de sete irmãos, dos quais todos os cinco filhos homens se tornaram mineiros da mesma companhia. Um dos irmãos, Bernardo, também jogava futebol na equipe do Olaria. Butiá trabalhou sempre como mineiro de subsolo, exercendo as funções de eletricista, de guincheiro e de tocador de carro, até se aposentar, em 1973. Eraldo, outro fundador do Olaria, nasceu em Taquari, numa família de onze irmãos — seis mulheres e cinco homens. Quatro filhos tornaram-se mineiros, ingressando na mina de São Vicente ou na Copelmi. Eraldo sempre trabalhou na superfície, primeiro nas peneiras de carvão, depois como guincheiro e balanceiro.

Os jogadores do Olaria começaram treinando num campo próximo à mina, com uma goleira feita de traves de eucalipto e uma bola doada pelo patrão. Butiá recorda que a bola “era de tento, então ela tinha um vinco assim, tipo um umbigo. E aí enchia por ali e depois amarrava com cordão”, ficando um tanto “bicuda”. Depois de formado o time, a empresa lhes deu o primeiro fardamento: “Nos deu calção, nos deu camiseta, nos deu botina [chuteira]”. Quando o grupo já estava acostumado com o campo de grama, foi surpreendido pela notícia de que a

¹² Eraldo faleceu em novembro de 2007, alguns meses depois desta entrevista.

BR 290, uma rodovia federal em construção, ia passar por cima daquela área. A solução foi arrendar a propriedade de um fazendeiro, contando com a intermediação de um capataz da mina. Na década de 1960, o campo, que até hoje abriga a sede da Sociedade Recreativa Olaria Futebol Clube, acabou sendo vendido aos trabalhadores, com o pagamento sendo descontado dos salários de dezesseis mineiros ao longo de dois anos. O último a engajar-se foi Eraldo:

Eu trabalhava de balanceiro na época (...) e o Butiá era mineiro do subsolo. Eles sempre passavam por ali porque eles eram tocadores de carro no subsolo, passavam ali e iam conferir, né. Eu era balanceiro e aí ele sentou pra conversar comigo, né, e aí me meteu uma pilha, porque faltava um cara pra compra do campo, e este teria quem ser eu porque eles não tinham outra opção. (...) O pessoal não ganhava muito bem na época. Uns não tinham condições mesmo, outros não eram muito ligados ao clube (...). Aí eu tive que adiar meu casamento em um ano pra poder entrar na compra do campo.

O Olaria nasceu, assim, sob o signo da dedicação e do sacrifício dos trabalhadores – e continuaria em toda a sua história. Os benefícios concedidos pela companhia privada de menor porte, a Mina de São Vicente, eram considerados minguados em comparação com os investimentos que a empresa estatal DACM (depois CRM) aportaria à sua equipe, o Atlético. Butiá reafirma essa diferença: “Esse campo foi comprado com o nosso suor, com o nosso serviço”. Isso não quer dizer que Carbonífera Alencastro, proprietária da mina de São Vicente, não ajudasse o time. Ao contrário: o primeiro diretor de futebol foi um engenheiro da companhia. Num certo período, até o proprietário, o “Doutor Alencastro”, participou da diretoria. No entanto, o Olaria continuou como clube varziano, enquanto o Atlético foi guindado à categoria de amador. Havia uma diferença de escala: a Mina de São Vicente nunca teve mais do que duzentos operários, enquanto a CRM chegou a reunir cerca de 1.500 trabalhadores na localidade.

Outras oposições derivavam do espaço social e geográfico ocupado por cada clube. Uma rivalidade antiga, que opunha as duas áreas da então vila operária – como se fossem duas vilas

separadas -, mantém até hoje seus traços na disputa futebolística. Na cidade partida ao meio por uma rodovia federal, à esquerda da BR 290, está localizado o bairro do Recreio, considerado um dos mais pobres de Minas do Leão, cujo solo escuro indica ter-se originado de uma ocupação irregular sobre rejeitos de carvão. Essa concentração urbana havia surgido em torno de minas mais antigas e mais precárias, tais como a Mina de São Vicente, a São José e a da Coréia. No lado direito, estão os bairros que desembocam no Centro da cidade, na antiga vila operária e na Vila dos Engenheiros, ambas situadas em torno dos poços de extração da CRM. Entre os anos 1940 e 1980, havia contendidas armadas envolvendo as duas áreas: de um lado, ficavam os rapazes do Recreio, de outro, os do Leão (também referidos como do Centro ou da Baixada). Os “valentões” enfrentavam-se em brigas de rua, cada qual portando o seu facão ou adaga. A violência podia atravessar a sociabilidade dos bares, dos prostíbulo, dos clubes recreativos e das partidas de futebol. Como me dizia um informante, nessa época, “saber manusear o facão era uma questão de honra”. Alguns participantes das gangues de “valentões” trocaram depois os enfrentamentos de rua pela popularidade e as possibilidades promissoras da condição de mineiros-jogadores. Tudo isso só fez reforçar a rivalidade entre Olaria e Atlético, o primeiro sendo considerado um clube “mais popular”, o segundo visto como pertencendo a uma “elite operária”.¹³ Para Butiá, que jogou em ambos os clubes, cada qual correspondia a extratos sociais diferentes:

O Atlético é a CRM, e o Olaria, a base do Olaria foram os empregados, os trabalhadores. O Olaria em si saiu do suor de cada trabalhador e se hoje a rivalidade continua é porque tá enterrado aqui o suor dos mineiros da Carbonífera São Vicente.

Essas atribuições se perpetuam nos atuais times de veteranos. Alguns jogadores mencionam as diferenças, mas

¹³ Tais divisões nos remetem ao estudo de Elias e Scotson, cf.: ELIAS, N. e SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p. Nas oposições em Minas do Leão, no Centro estariam os “estabelecidos”, embora a maioria, na época, fosse tão pobre quanto os moradores do Recreio.

preferem não enfatizá-las, como no caso de Chicão, dos veteranos do Olaria: “Se diz que o time do Atlético é um time de rico, de almofadinha, de gente cheia de ti-ti-ti e o Olaria aqui é uma classe mais operária, mais... aquele pessoal mais simples, mais humilde”. Os próprios veteranos do Atlético tocavam no tema: “Dizem que somos elite porque vamos de carro e não de ônibus para os jogos, mas há muitos jogadores nossos que passam necessidades e o clube se une para ajudá-los”, afirmava Beto Balão, filho do ex-mineiro-jogador Carlitos e veterano do Atlético.

Vários outros times surgiram em torno do DACM e da CRM, na década de 1960, como o Esporte Clube Poço 1 (P1) e o Ponte Preta, que seriam “rachas” do Atlético, reunindo trabalhadores na mineração. A motivação para a criação de novas equipes geralmente eram “as diferenças”, “as rixas” com o clube estabelecido. Era comum a realização de amistosos opondo trabalhadores nas diferentes funções: tocadores de carro contra madeireiros ou trilheiros. Em certa época, o Recreio abrigou também a Mina São José, que tinha seu time correspondente, o Favorito Futebol Clube.

A CONTRATAÇÃO DE OPERÁRIOS-JOGADORES NO ATLÉTICO MINEIRO F. C.

Ao longo de três décadas, entre o fim dos anos 1940 e meados dos 1970, a CRM incentivou a organização do Atlético Mineiro F.C., mantendo a prática de contratar bons jogadores para compor o time e trabalhar na empresa. Esses operários mantinham privilégios, como o de trabalhar unicamente na superfície, em atividades menos exaustivas e penosas, e o de serem liberados para os treinos, preparação física e jogos. Também recebiam diárias pelos deslocamentos em que disputavam campeonatos. Num estudo que realizei sobre as trajetórias de mineiros-jogadores dessa geração dos anos 1960 e 1970, pude notar que quase todos ascenderam à condição de encarregados ainda jovens. Mas a “pequena honra” do futebol imprimia não apenas prestígio na companhia, como também popularidade na comunidade, favorecendo carreiras políticas e alianças matrimoniais. “Quando descobriam um cara que jogava bem, traziam para trabalhar”, ressaltava João Francisco, 48 anos, atual gerente da área administrativa da CRM. É ele quem mantém,

como verdadeiras relíquias, nas gavetas do escritório da empresa, algumas fotos e atas que registram parte da história do clube, dos raros documentos disponíveis sobre a memória do futebol na cidade. Mas ele mesmo era muito jovem para ter atuado no Atlético “dos bons tempos”. Seu colega de escritório, ex-chefe da seção, Volmar Cunda, 59 anos, começou a jogar futebol aos catorze anos e integrou o segundo quadro da equipe, seguidamente enfrentando o Olaria em disputas. Tanto a equipe principal quanto os reservas participavam de uma preparação física rigorosa, puxada por um treinador que era capitão da Polícia Militar.

A maior parte dos jogadores do Atlético era composta por trabalhadores na CRM, aos quais estavam reservadas algumas vantagens, tal como a permissão para participar de treinos e jogos: “Se o horário normal de largada era às 17h, saíamos às 16h para treinar”, contava Volmar. Os treinos eram realizados às terças e quintas-feiras. Se fosse necessário, os mineiros-jogadores trocavam seu horário de trabalho com os colegas para ficar no terno diurno. Volmar relata que “se houvesse um bom jogador que estivesse desempregado, certamente arrumaria vaga na companhia”. Dependendo do talento do jogador, muitas portas poderiam se abrir. Tais critérios de seleção podiam dar margens a críticas: “Alguns eram melhores no futebol do que como mineiros”, disse-me outro informante. Mas o grupo de mineiros-jogadores parecia suscitar mais admiração do que rivalidade.

O primeiro caso de contratação de um mineiro-jogador por uma companhia carbonífera em Minas do Leão foi o de Leotilde Braga, o Leo, com 78 anos à época de nossa última entrevista. Goleiro que fez história no futebol amador da região, ele só se sentiu comprometido com um clube quando foi jogar no Atlético, em 1949, e, por conta disso, tornou-se empregado do então DACM. Antes disso, já era um atleta “disputadíssimo”. Recordava-se que, na época, havia em torno de catorze equipes varzianas entre Minas do Leão e Butiá, e ele jogava para quase todas. Os pagamentos eram simbólicos: um ingresso para a sessão de cinema, uma calça de um tecido “fino”, etc. Num tempo em que o transporte coletivo era precário, Leo era capaz de caminhar trinta quilômetros a pé para jogar uma partida em outro distrito. Dali em diante uma espécie de profissionalização se daria, ele iria trabalhar na companhia estatal e jogar futebol:

Devido à minha atuação aqui [no futebol], o pessoal, os diretores aqui do Itaúna [F.C.] se interessaram muito em investir pra eu vir pra cá de uma maneira ou de outra, se me arrumassem serviço, se pagassem, qualquer coisa. “Ele tem profissão?” “Tem, é pedreiro, carpinteiro”. “Então, tá, se ele tem duas profissões boas e é bom goleiro, vamos contratar”. Aí foi quando me arrumaram serviço. Eu fiquei trabalhando na firma. (...) Posteriormente foi que o diretor autorizou que contratassem jogadores pra jogar no time porque aí sim ia representar o município, aliás, o distrito na federação. Com a permissão dos diretores, aí então aqueles jogadores que interessavam ao time seriam contratados. Então, vieram todos eles.

Admitido pela empresa em 1949, Leo permaneceu dezenove anos trabalhando no setor de oficinas, uma atividade desenvolvida na superfície, condição essa que foi estendida a outros mineiros-jogadores, já que ficavam preservados de um esforço demasiado no trabalho no subsolo, sempre sujeito ao risco e à insalubridade. O jovem foi morar numa habitação de três peças nas repúblicas, levando para lá, pouco tempo depois, a mãe e três das quatro irmãs, que ele ajudaria a sustentar com seu salário. Em 1957, com problemas no joelho, Leo teve que passar por cirurgias¹⁴ e nunca recuperou totalmente o movimento daquela parte da perna, mas continuou jogando futebol.

Exatos dez anos depois do ingresso de Leo, foi a vez de Ademar ser contratado. Morador do Porto do Conde, havia sido informado por um amigo sobre um time que estava começando em Minas do Leão, o Atlético Mineiro Futebol Clube. Filho de “mãe solteira”, contava, Ademar foi primeiro escutar a opinião da mãe, pois era, nessa época, “muito sujeito à família”, e na localidade havia rumores de que Minas do Leão tinha se tornado um lugar de violência. Como sua mãe tivesse concordado, ele chegou à vila mineira em dezembro de 1959. Em 1960, começou

¹⁴ Uma ata do Atlético Mineiro F. C. de janeiro de 1957 registra que “Leotilde de Abreu Braga necessitava de auxílio da sociedade A.M.F.C. para realizar uma operação de tratamento no joelho”. O documento foi pesquisado no escritório da CRM em Minas do Leão, onde está armazenada uma série descontínua de atas dos clubes que foram ligados à companhia, referente às décadas de 1950, 60 e 70.

no time como quarto zagueiro e, paralelamente, passou a trabalhar na companhia. Chegou a pensar em tornar-se um atleta profissional. Fez testes no Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, mas por ter se decepcionado com o tratamento recebido, desistiu do projeto e permaneceu no Atlético.

No início dos anos 1960, o Atlético contava também com jogadores que se desenvolveram dentro da própria empresa. Um desses casos era o de Antônio Manoel, o penúltimo dos quinze filhos do carreteiro José Antônio Freitas, viúvo duas vezes, que havia se mudado de Rio Pardo para a localidade de Minas do Leão em 1946, para trabalhar no transporte do carvão, tendo como “capital” cinco carretas e cerca de oitenta bois mansos. Os planos familiares eram de que os filhos ajudassem o pai na atividade de transporte com carretas de boi, mas a estratégia de sobrevivência familiar foi frustrada pela modernização do transporte rodoviário. Assim, Antônio Manoel começou a trabalhar no DACM aos catorze anos, em maio de 1954, como aprendiz na área de manutenção mecânica. Pouco depois, integrou o time principal do Atlético. Seu chefe, Cândido Francisco de Oliveira, o encarregado de serviços gerais — que depois se tornou também seu sogro — era o presidente do Atlético.

Em 1959, o próprio jogador Butiá, um dos fundadores do Olaria, passaria a integrar a equipe do Atlético. O reconhecido talento de Butiá fez dele uma moeda na troca de favores entre duas empresas de mineração: a Mina de São Vicente e o então DACM. Foi numa época em que o DACM prestava favores à São Vicente transportando em seus caminhões matérias-primas compradas em Porto Alegre, tais como trilhos de madeira. A reciprocidade inventada pelo “Doutor Alencastro”, da São Vicente, foi o empréstimo do melhor jogador do Olaria para fortalecer o time do Atlético. Como resumia Butiá: “O meu patrão mandava a gente jogar lá”, manifestando que outros colegas depois dele, como Eraldo, seu companheiro na fundação do Olaria, e Tibúrcio, foram investidos da missão de trazer glórias para o time adversário. Butiá contava que um diretor do DACM (que ele chama de CRM, nome que adotaria depois) foi procurar o seu patrão: “Olha, nós precisamos desse rapaz aí...”.

Aí eles chegaram lá no meu patrão, no Doutor Alencastro, aí subiram lá e veio, veio o diretor ali da CRM, né, veio e falaram com ele. (...) Eu tava lá embaixo da mina e eles

mandaram me chamar. “Vai lá chamar ele, manda ele vir aqui no escritório”. Aí eu fui lá, larguei o serviço, quando cheguei lá em cima tava a cúpula lá do Atlético e o meu patrão... Aí eu já senti a maldade, né. (riso) Hoje vai dar... “Então tá...” Eu: “Ah, doutor, eu tô aí treinando, o senhor é que sabe...” “Não, tu vai ter toda a liberdade”. Mas não era assim. “Se tu quiser jogar lá tu vai ficar à disposição deles, aqui tu vai ficar liberado, a hora que eles precisarem de ti, eles vêm aí, tu tem toda a autonomia”. Então, a hora que eles precisavam, por exemplo, pra treinar terça e quinta, eles precisavam quarta-feira, entende, pra fazer preparo físico, eles vinham aí, chegavam ali me comunicavam e podia ser três horas da tarde que eu era liberado do serviço.

Por conta da decisão, Butiá ficou jogando no Atlético entre 1959 e 1969, embora continuasse se reunindo com o Olaria. Mas estar vinculado ao Atlético tinha suas vantagens. A equipe havia se convertido em amadora, de forma que integrar seu quadro era uma excelente oportunidade para aprimorar suas qualidades como jogador. Butiá viu crescer assim seu prestígio no futebol, na empresa e na comunidade. E até a condição financeira melhorara um pouco com as diárias pelos deslocamentos.

A contratação de Ademar e o “empréstimo” de Butiá faziam parte da preparação do Atlético para sua estréia como clube amador. Carlitos e Antônio Manoel, recrutados anos antes, já faziam parte da equipe, assim como o centroavante Zoely e seus cinco irmãos jogadores, que entraram no DACM e no clube de futebol pelas mãos do pai. Formando praticamente meio time, os irmãos Zoely, Elói, Anzen, Valdir, Aloísio e Danilo eram filhos de um antigo funcionário das minas, respeitado tanto por sua experiência e pela posição de encarregado de serviços gerais ocupada na companhia quanto por sua “autoridade”, fosse a de ex-delegado, fosse a do temperamento “violento”, bastante identificado com o padrão de masculinidade local. Cândido Francisco de Oliveira, Seu Candinho, foi também o primeiro presidente do recém-fundado Atlético Mineiro “Football” Clube, em julho de 1950. Os seis filhos de Seu Candinho tiveram participações na equipe de futebol e pelo menos cinco deles aparecem nas escalações registradas em fotografias. O mais jovem, Danilo, chegou a atuar

como profissional no Clube Esportivo, de Bento Gonçalves.¹⁵ Esse grupo de irmãos jogadores já contava com o prestígio familiar na sociedade local, mas o futebol, inicialmente, e os percursos profissionais, depois, permitiram a individualização das trajetórias.

No caso de Zoely, haveria ainda o delineamento de uma carreira exitosa na política. Zoely começou a trabalhar no DACM em 1952, aos catorze anos, como contínuo do escritório. Neste mesmo ano, estreou como titular do Atlético, jogando como centroavante, posição que manteria durante quinze anos. “Eu era o capitão da equipe, então eu tinha uma ascensão muito grande na direção da empresa”, relatou. Nessa condição, ajudou a prospectar talentos para serem recrutados pela companhia. Depois de seis anos trabalhando no setor administrativo, mudou-se para Porto Alegre, empregado por uma fábrica de fogões. Seu objetivo era tentar jogar futebol profissionalmente. Paralelamente à jornada diária, fez testes no Internacional, no Cruzeiro e no São José. Mas a sonhada virada na carreira não acontecia. No fim daquele ano, recebeu uma proposta do DACM para retornar à localidade: voltaria a jogar futebol no Atlético e trabalharia na área administrativa da empresa. Naquela época, tinha vinte anos e pensava em se casar. Como estímulo para sua volta, recebeu um emprego no escritório central e auxílio para a construção da nova residência. Aceitou a proposta e reforçou a equipe do Atlético nas disputas de 1960, 1961 e 1962, quando o clube conquistou os principais títulos. Mais tarde, passou a ocupar o cargo de almoxarife da companhia, mantendo-se na função até a aposentadoria, em 1991. Mas era um jogador assediado por outras equipes. Em 1962, recebeu uma proposta do Butiá F.C. para que fosse jogar na equipe e trabalhar na Copelmi, empresa privada de mineração que fazia concorrência ao DACM — e cujo clube era um dos principais adversários do Atlético. Antes de tomar uma decisão, ele foi procurar o presidente do Atlético, que lhe perguntou: “Tu estás precisando de alguma coisa?”. Zoely explicou que estava se preparando para o casamento. “Ele me deu um fogão. Foi inédito. Nós recebíamos do clube, não em valores, mas em bens”. Com o estímulo, continuou no clube. Era

¹⁵ Clube da segunda divisão do futebol gaúcho, criado em 1919.

uma época em que os campeonatos amadores da região levavam um grande público ao estádio. Muitos jogadores recrutados nos anos 1950, 1960 e 1970 talvez pudessem figurar em equipes profissionais, mas a possibilidade de fazer carreira era difícil de ser viabilizada. O próprio deslocamento, de barca, até a Capital levava sete horas (hoje feito em menos de duas horas), pois não havia sido construída a ponte sobre o estuário Guaíba.

O gosto pelo futebol não se limitava aos homens da família Oliveira, que se revezavam no Atlético. As duas irmãs, Geni e Gedi, as filhas de Seu Candinho, exerceram um tipo peculiar de parentesco ritual sobre o clube: foram “madrinhas” do Atlético e circulavam com o Livro de Ouro, pedindo doações à equipe. As madrinhas eram eleitas com votação da comunidade, conforme atestam as atas do clube. Ao menos uma delas, Geni, aparece na foto oficial da equipe campeã do Centenário. A família Oliveira estava no centro da agitada vida social de Minas do Leão. A outra irmã, Gedi, foi rainha do Clube Duque de Caxias. Essas irmãs se casaram, posteriormente, com dois integrantes da equipe do Atlético: Geni com o goleiro Antonio Manoel, e Gedi com o ex-ponta-direita da antiga equipe Leão, Zé Custódio, que figurou como treinador do Atlético em certa época. Zé Custódio e seu irmão Osvaldo eram filhos de um dos primeiros padeiros da vila mineira. Por sua vez, Antônio Manoel pertence à extensa e unida família Freitas, que, além de dar nome a ruas e praças, batiza a Vila dos Freitas.

Zoely herdou do pai não apenas o gosto pelo futebol, mas também pela política. Quando fiz a primeira entrevista com ele, em 2003, ocupava a cadeira de prefeito de Minas do Leão, já no segundo mandato, com o primeiro tendo sido inaugurado na emancipação do município, em 1992. Ele atribuía o começo de sua popularidade ao esporte: “Como eu tinha uma liderança futebolística, o pessoal me convidou para ser candidato a vereador”. Tinha sido, com efeito, vereador de Butiá por três gestões, numa carreira que começou aos 26 anos, quando ainda era jogador do Atlético. Em setembro de 2008, sua mulher era candidata à vereadora e ele, o cabo eleitoral. Avaliava que, ao longo da trajetória, o prestígio que obteve como jogador contribuiu para sua popularidade na política. Sua militância se intensificou a partir de 1963, quando integrava a Ala Moça do PTB local e foi convidado para ser um dos oradores na visita do então governador Leonel Brizola à Butiá. Na época, Brizola

percorria o estado na tentativa de conchamar a população a se organizar em grupos de onze – tais como em equipes de futebol – que ficaram conhecidos como “Grupos dos 11” e cujo objetivo inicial era pressionar o governo João Goulart a realizar mais rapidamente as Reformas de Base, mas defendendo também ações armadas.¹⁶ Quando os G11 estavam em fase de organização foi deflagrado o golpe de 1964 e seus integrantes foram perseguidos e presos.¹⁷ Muitas vezes ouvi referências a essa organização em Minas do Leão. Uma ocasião foi na lembrança sobre os jogadores e treinadores do passado. Meu interlocutor apontou para a foto de Zé Custódio, informando que “ele tinha sido preso depois do golpe de 64”. Zé Padeiro teria sido um dos integrantes do G11 na região.

Nesse grupo de jogadores do Atlético, que escolhi de forma um tanto aleatória, havia certa coesão política, envolvendo filiações partidárias que passaram pelo MDB, pelo PTB e, na maior parte dos casos, desembocaram no PDT, tendo em comum o ardor pelas idéias de Leonel Brizola. Isso dizia respeito, ao menos, a Zoely, Leo, Carlitos, Butiá, Eraldo, Antônio Manoel e Zé Cabeça, mais novo que os primeiros. No caso de Carlitos, o interesse

¹⁶ Conforme pronunciamento de Brizola em 25 de outubro de 1963, feito pela cadeia de rádio Mayrink Veiga e registrado em: CARVALHO, F. *Inquérito Policial Militar*, n. 709, O Comunismo no Brasil, v. 4. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967, p. 393. Brizola utilizava metáforas do mundo do futebol para o funcionamento dos grupos: “Nós agora ingressamos na fase em que precisamos trabalhar, atuar, agir em equipe. Passamos agora a entrar no campo para jogar a partida; até agora estávamos dando balãozinho; cada um podia fazer seu jogo individual, tomar suas iniciativas e dar balãozinho à vontade; agora estamos em campo. O jogo, agora, é no campo; observem que na hora da partida são onze jogadores, um só não adianta, nem dois, nem três; são onze jogadores, precisamos agora agir, trabalhar, atuar, lutar em equipe. Então, quero pedir a todos os brasileiros patriotas de todas as gerações, homens e mulheres de todos os recantos da pátria, das cidades, das oficinas, dos escritórios e dos campos; organizemo-nos em equipe (...); procurem um grupo de amigos, companheiros e formem um círculo, um grupo, uma unidade, cujo nome daremos depois a seguir; formem uma equipe. Vamos formar um time de futebol com unidade de onze”.

¹⁷ Sobre a organização dos G11 e o contexto político da época, cf.: FERREIRA, J. A estratégia do confronto: a frente de mobilização popular. *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 47, São Paulo, p. 181-212, 2004.

pela política foi anterior ao regime militar. “Fui muito brizolista”, dizia ele, lembrando que, com golpe de 64, temeu pela própria sorte:

Aí veio a Dops aqui, aí veio nas oficinas aqui [da companhia]... Aí veio... Daqui levaram o Zé Custódio, preso, levaram o Procópio Farinha, de Butiá, e mais dois de Butiá. (...) Vou dizer uma coisa: não me levaram porque eu não tinha assinado... Naquele tempo tinha o Grupo dos Onze... Aí foram verificar nos arquivos do município pra ver se eu era filiado ao partido, se eu fosse eu teria ido preso também. Aí, depois, eu nunca mais quis saber de política, nem... nunca mais.

Ademar fez outro percurso, longe das paixões da política. Nos anos 1970, seguindo a opção de sua mulher, converteu-se à igreja Testemunhas de Jeová, da qual ainda é pregador — decisão que teria impacto profundo sobre suas relações de trabalho. Ele teve de enfrentar o preconceito e a zombaria contra um mineiro “crente”, numa comunidade em que há uma referência identitária do mineiro com o malandro. Na empresa, depois de um elogiado percurso como jogador, destacava-se pela disciplina e pela dedicação ao trabalho. Sua ficha funcional registrava elogios ao comportamento “exemplar”¹⁸ e promoções “por merecimento”. Quando parou de jogar, em 1963, foi trabalhar no subsolo da mina. Passou de patrão de equipe a supervisor, até se aposentar, em 1986. Seu caso, como de praticamente todos os outros deste grupo ligado ao DACM (depois CRM), parece confirmar a contribuição do futebol para uma construção exitosa da carreira na empresa. Criado pela mãe — e sem conhecer o pai, num universo marcadamente masculino —, teve de superar vários obstáculos até encontrar um trabalho que lhe permitisse

¹⁸ Um ofício assinado pelo engenheiro-chefe da mina, de abril de 1965, dizia: “Temos a satisfação de comunicar que tendo em vista a aplicação e o progresso evidenciado por V.Sa, no desempenho de suas funções, fostes [sic] promovido por merecimento, para a categoria de operário 2ª classe”. O documento encontra-se no escritório da CRM em Minas do Leão, entre o material referente às fichas funcionais dos empregados, e foi consultado durante minhas atividades da pesquisa.

ser o arrimo da família. Hoje, seus quatro filhos completaram o Ensino Médio — dos três rapazes, um é técnico metalúrgico e dois são mecânicos.

Na questão das origens, a trajetória de Ademar é similar à de Leo, filho de uma lavadeira que foi abandonada pelo marido com cinco filhos. Filho mais velho, Leo começou a trabalhar muito cedo para ajudar a mãe nas despesas da casa. Esses dois casos configuram uma espécie de compromisso moral dos filhos homens com a mãe, já referido por Salem em seus estudos sobre classes populares.¹⁹ A autora menciona que, na ausência de maridos ou companheiros, não raro há uma transferência para a figura do filho do amparo masculino atribuído aos parceiros. De fato, meus dois informantes assumiram precocemente o papel de provedores do lar nas questões financeiras e tornaram-se uma espécie de “braço-direito” da mãe.

Quando Leo foi trabalhar no subsolo da mina, já tinha conquistado a posição de encarregado. Também no seu caso há elementos para supor que sua trajetória de mineiro-jogador tenha contribuído para aumentar seu prestígio profissional. Na sua ficha funcional, à qual tive acesso no escritório da companhia, havia elogios sobre os “relevantes serviços prestados” por ele à companhia.²⁰ Sua popularidade entre os companheiros de trabalho havia sido igualmente testada quando ele venceu um concurso local para Mineiro padrão, cuja eleição dependia do voto dos operários da mina. Atualmente, Leo é uma espécie de autoridade local, sempre sugerido para entrevistas sobre a mina, o futebol e o surgimento da vila mineira. No final de 2008, contava-me, bem-humorado, que, após ter sido entrevistado num documentário televisivo sobre os mineiros-jogadores,²¹ tinha se

¹⁹ SALEM, T. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. *Mana*, v. 12, n. 2, 2006, p. 18-19.

²⁰ Uma anotação na sua ficha funcional de abril de 1983 dizia: “Trata-se de pessoa que prestou e está prestando inestimáveis serviços à CRM, sendo um exemplo de trabalho e dedicação”. Este documento foi acessado por mim no escritório da companhia em Minas do Leão, dentro de minhas atividades de pesquisa.

²¹ Documentário produzido pelo Sport-TV em novembro de 2007 e exibido em janeiro de 2008, do qual participaram ainda Butiá, Eraldo e Carlitos. O documentário baseou-se em minha pesquisa sobre os mineiros-jogadores

tornado “o maior goleiro de todos os tempos na região”, pois não parava de receber troféus e homenagens das equipes amadoras e de órgãos municipais. Depois de Leo, um de seus três filhos, Adalberto, também ex-mineiro, continuou a jogar no Atlético, seguindo o exemplo do pai como goleiro. “Naquela época, a nossa doutrina era substituir o pai. Eu jogava na linha e, quando o pai parou de jogar, eu passei para o gol”, contou o filho de 50 anos, hoje presidindo o Conselho Municipal de Desporto. Por sua vez, o filho de Adalberto, Oriueglas (o sobrenome Salgueiro, da avó, ao contrário), chegou a tentar uma carreira de jogador no Internacional e acredita que não foi aprovado “por falta de apadrinhamento”. O jovem havia se destacado em equipes da segunda divisão, mas preferiu investir em sua formação técnica em vez de insistir numa carreira “incerta” como jogador. Com pouco mais de vinte anos, trabalha numa metalúrgica de Porto Alegre como operário especializado.

Antônio Manoel, como Ademar, também foi tocado pela religião. Mas o ex-goleiro do Atlético se converteu a uma religião evangélica mais tarde, após a aposentadoria, o que provocou uma ruptura com o ideário da malandragem que ele exibia anos antes. Desde o episódio em que, garoto, tendo acabado de ser expulso da escola, escapou entre as pernas da professora que estava parada na porta, até a sucessão de advertências por “insubordinação” e “indisciplina” na sua ficha funcional na companhia, o percurso de Antônio Manoel é recheado de histórias antológicas. No caso dele, não foi o disciplinamento exercido sobre o time de futebol ligado à companhia que mudou a sua disposição rebelde, nem o casamento, nem uma carreira bem-sucedida na empresa como encarregado de oficinas e manutenção. Foi, bem mais tarde, a conversão para a igreja evangélica Sara Nossa Terra. Tudo começou quando seu filho descobriu a sede da igreja, em Porto Alegre, quando se dirigia ao Internacional para fazer testes como jogador. Da primeira aproximação, as conversões familiares ocorreram em cadeia. Ele e a mulher foram batizados juntos, as duas filhas tornaram-se diáconas, e o filho é

em Minas do Leão, abordando a rivalidade entre as equipes ligadas às minas. Cf. OS MINEIROS, programa do Sport-TV em Minas do Leão, 2008. DVD.

pastor. Na companhia, teve uma carreira de 43 anos – continuou trabalhando dezesseis anos depois de aposentado. A trajetória de jogador contribuiu para aumentar a tolerância a episódios de “indisciplina” e “insubordinação”. Deve-se considerar que, especialmente no regime militar, a chefia da mina foi ocupada por engenheiros com práticas ditatoriais, de forma que um episódio de resistência podia resultar em perseguições. Em 1981, Antônio Manoel passou a ocupar a função de encarregado da mina de Iruí e seis anos mais tarde retornou a Minas do Leão na função. No início da carreira esteve subordinado ao homem que seria seu sogro tempo depois.

Eu trabalhava na manutenção (...) e ele era o encarregado, o supervisor da produção. E eu aprontava com aquelas máquinas e coisa, fazendo arte. [E ele:] “Esse guri não pára!”. [E eu pensava:] “Eu sou arteiro, sem-vergonha e vou casar com a tua filha!” (risos)

Como Zoely, também Eraldo, ex-zagueiro do Olaria, fez uma carreira política, tendo exercido o mandato de vereador em Butiá durante dezesseis anos, parte desse período paralelamente ao futebol, ao trabalho na mina e às atividades sindicais na entidade da categoria. Seu pai era ferroviário e chegou a participar dos movimentos grevistas ao lado do líder comunista Procópio Farinha²², ainda nas décadas de 1940 e 1950. Tanto Butiá quanto Eraldo se consideravam “brizolistas”, partindo de tradições familiares que tinham apoiado o trabalhismo de Getúlio Vargas. Por sua vez, Butiá estava na franjas de um dos Grupos dos Onze, que tinha a participação de um capataz da mina São Vicente, o mesmo que auxiliou os mineiros na compra do campo do Olaria.

Butiá — Aqui nós tínhamos o bloco... o grupo dos 11, né. O grupo dos 11, então nós escapamos de levar um pau aí foi por tirinha, né. (riso) Nossos cabeças, nossos chefes ali (...) quando estourou mesmo essa revolução de 64, então

²² Procópio Farinha, agente da viação férrea na Estrada de Ferro do Jacuí, liderou greves mobilizando ferroviários e mineiros. Militante do PCB, foi preso pelo regime militar em 1964, juntamente com o mineiro Gerino Lucas.

através do... do Pedro Lima, né, que era o ... [capataz da mina e líder local do movimento]. Então, ele tinha aí um contato com outros, não me lembro se eram de Butiá ou... e aí conheciam o armamento, né. Então, a gente tava com os armamentos tudo à disposição, né, porque se tivesse que ir pra luta a gente ia. E nós éramos... não fazia muitos anos que a gente tinha deixado o quartel, ainda tava com malabarismos... (riso) Mas a gente tava também sujeito todo momento a ser cassado, né, a ser pego, e se eles me pegassem também faziam o que fizeram com o Zé Custódio. Nele baixaram-lhe o pau. O Zé apanhou. Judiarão bastante dele. (...)

Cioccarri — O que era o Grupo dos Onze aqui?

Butiá — Era um reforço assim dentro do partido, né. O Marino foi prefeito [de Butiá] em 1964, 63, né, 64 ele assumiu e tava naquela lenga-lenga pra não deixarem ele assumir, que tinha um capitão lá de Porto Alegre... [Os militares ameaçavam impedir a posse]

Cioccarri — E vocês tiveram alguma participação nesse Grupo dos Onze?

Butiá — Dos 11, nós tinha dois aqui na época. Um era o Pedro Lima e o outro era o Zé Luiz, que eram os cabeças, né. Eles só nos comunicavam: “Olha....” E na hora que nós íamos participar, né...

Eraldo — O Zé Luiz era irmão do Pedro Lima.

Butiá — Eram irmãos os dois. Então eram eles que coordenavam isso, lá no Butiá, né, coordenavam com os caras lá e... O Grupo dos 11 era pra nós ir a favor do Brizola, a gente ia brigar aí. Pelo menos era a idéia deles, se agarrar no facão, no zinco, né. (risos) Mas, graças a Deus, nos escapamos... [da prisão]

Cioccarri — Não aconteceu?

Butiá — Não aconteceu. Quando começou mesmo, o Exército veio...

Outros ex-jogadores do Atlético tinham mencionado a trajetória de Zé Custódio, o Zé Padeiro, falecido anos antes, referindo-se tanto às suas artes no futebol quanto à sua atuação política. Aos poucos, fui percebendo que vários fios ligavam esses mundos. Numa ocasião, ouvi: “Ali na sede do Atlético tinham ficado os documentos desse Grupo dos Onze”. Eles não tinham apenas o futebol e a mina em comum: estavam ligados por afinidades políticas e por laços de parentesco. Tentei conhecer mais da trajetória de Zé Padeiro por meio de seu irmão, Osvaldo,

e da viúva, Gedi. “O Zé jogava muito, era tipo Garrincha, de driblar muito, de deixar a pessoa no chão. O Zé era um Garrincha pra driblar”, contou-me o irmão Oswaldo Custódio, também expadeiro e ex-jogador.

Ponteiro-direito de um dos times que deu origem ao Atlético Mineiro, o Leão Futebol Clube, Zé Padeiro chegou a fazer treinos no Internacional de Porto Alegre, em meados dos anos 1940. Desistiu de tentar a carreira profissional e voltou a Minas do Leão, tornando-se mais tarde treinador do Atlético. Quando falava da criatividade e da irreverência do irmão, Oswaldo dizia: “O Zé botava o Garrincha no bolso!” O time do coração de Zé Custódio era, na verdade, o Grêmio Futebol Porto-Alegrense. Quando o Grêmio ganhava um campeonato, ele pegava sua camioneta e saía pelas ruas de Minas do Leão fazendo buzinaços e distribuindo doces às crianças. Segundo Oswaldo, depois de abandonar o projeto de tornar-se jogador profissional, Zé Padeiro foi servir no quartel e lá teria contraído um problema dermatológico que fez seu cabelo cair rapidamente. Passou a usar uma boina, mas o novo figurino impedia que ele exibisse em campo todas as acrobacias de que era capaz com a bola, preocupado que estava com a exibição de sua incipiente calvície. Assim, foi perdendo popularidade no futebol.

Em um lance com a bola, se ele perdia a boina, ele ia atrás da boina ao invés de ir atrás da bola, o que provocava as vaias da torcida. (...) Depois, ele comprou uma peruca, dormia com a peruca, penteava pro lado, não tirava pra nada. Ele era muito divertido, muito inteligente.

A comparação da sua irreverência e habilidade no futebol é apenas uma das facetas que aproximam Zé Padeiro da biografia do célebre Garrincha, guardadas as proporções entre a condição de amador do primeiro e a carreira consagrada do segundo. Pode-se considerar também a origem popular de ambos — um padeiro de profissão e um jovem operário de fábrica têxtil²³ — e a incorporação do carisma da malandragem, do jogo de cintura, de um talento tão sedutor quanto provocativo, capaz de atrair

²³ Sobre a trajetória de Garrincha, Cf.: LEITE LOPES e MARESCA, *op. cit.*

mulheres, de fazer amigos e inimigos. As coincidências com Garrincha não se limitavam ao drible imbatível no futebol e à irreverência na vida cotidiana. Zé Padeiro era dado aos excessos, até mesmo no consumo de bebidas alcoólicas. Segundo a viúva, Gedi, nos seus últimos anos, o marido foi bebendo cada vez mais, desafiando uma cirrose hepática, e sua morte — como a do jogador $\frac{3}{4}$ foi ocasionada pelos efeitos do alcoolismo.

Apaixonado pelo futebol, mas também pela política, Zé Padeiro era brizolista e militante obstinado. Oswaldo nunca soube ao certo se o irmão chegou a fazer parte realmente de um Grupo dos Onze, porque tais informações eram mantidas em segredo na família. Mas as suspeitas de ser um integrante da organização pairavam sobre ele, e Zé Custódio foi preso após o início do regime militar, em 1964. Passou cerca de vinte dias encarcerado, na mesma ocasião em que foram detidos o mineiro Gerino Lucas e o ferroviário Procópio Farinha Vieira. Zoely lembrava que o cunhado Zé Custódio morava em São Jerônimo quando integrou um dos grupos ligados a Brizola. Nesse período, ocupava a função de secretário da executiva do PTB. Lembrava que, quando estourou o golpe de 1964, “ele foi preso por pertencer ao Grupo dos Onze”. Quando contava episódios da vida do irmão, Oswaldo, por sua vez, explicava que muito dos interesses que o tornavam um homem carismático também o faziam alvo de adversários.

O meu pai era muito de Getúlio Vargas, do PTB, e o Zé seguiu esse mesmo caminho, de ser muito do Brizola. Ele era muito fanático. Ele vinha na Rádio Butiá falar. (...) Ele arrumava muitos inimigos por causa do futebol e da política. Primeiro por causa da política e, depois, do futebol.

Zé Custódio era provocativo, exuberante. Num meio e numa época em que a provocação e o estranhamento se constituíam em fontes geradoras de inimizades, ele teve suas posições políticas contrárias ao governo militar denunciadas à polícia por um fornecedor da padaria da família, que fez publicamente a apologia de seu gesto.

A pessoa que denunciou o meu irmão vendia fermento para a padaria. “Eu denunciei o Zé Custódio, ele merecia!” Ele contava isso aos outros como uma grande vantagem...

Mina de jogadores:

Era representante da Fleischman. E no fim ele morreu ligeiro, bem antes que meu irmão.

Entre os mineiros-jogadores dessa geração, como mencionado, alguns tiveram participações em sindicato, outros se embrenharam na política, tornaram-se líderes religiosos ou, ainda, vencendo simbolicamente todas as dificuldades para o acesso à escolaridade que esse ingresso precoce no mundo do trabalho representava, receberam um título, o tratamento de “professor”, como no caso de Butiá, dos seus tempos de treinador tanto do Atlético como do Olaria. No caso dele, o estranho no ninho, as vitórias foram mais simbólicas do que econômicas. O futebol propiciou a Butiá, criado no desprezado bairro do Recreio, circular com desenvoltura em meio ao grupo do Centro, sendo respeitado e assediado por diretores da CRM e pelo comando do Atlético — e, como os outros jogadores, ser lembrado por seus talentos.

O CASO DOS MINEIROS-JOGADORES DO S.R. CREUTZWALD

Quando cheguei a Creutzwald, na Lorena francesa, não pensava em estudar a sociabilidade esportiva, dado que tinha a atenção voltada para os efeitos do fechamento da mina La Houve em 2004. Foram meus informantes que mencionaram a importância do futebol não apenas na sociabilidade, mas como um dos critérios de recrutamento pela companhia Charbonnages de France durante algumas décadas. Nessa cidade, com 14,6 mil habitantes, o futebol desperta verdadeira paixão. No passado, o Sports Réunis Creutzwald, fundado em 1920, teve seus momentos de glória. Em 1963, foi a primeira equipe amadora da Lorena a chegar as oitavas de final da Copa da França, composta na sua maioria por operários da mina. Na ocasião, o time de mineiros fez a proeza de marcar 10x0 diante do “mítico” Stade de Reims, que tinha abrigado Kopa e Piantoni.

Foi do contato com um jogador veterano de origem italiana que acabei conhecendo um ex-jogador contratado pela companhia por seus talentos no futebol. Filho de um agricultor italiano da Sardenha, que foi para a França trabalhar nas minas de carvão, Mario Melis sonhava com uma carreira de jogador profissional.

Dos jogos na rua, “como no Brasil”, ele enfatizava, passou por algumas equipes amadoras ligadas às minas até chegar ao Football Club de Metz, entre os dezesseis e os dezoito anos. Chegou a atuar na primeira divisão do futebol francês, depois passou à terceira divisão. Em função de um problema físico, interrompeu a carreira. Ingressou na companhia de forma concomitante à formação técnica em eletromecânica, feita na escola da mina. Mario me contou que teve a chance de obter uma formação profissional e um emprego na companhia graças ao seu futebol, num momento em que a empresa dava preferência aos trabalhadores que jogassem bem: “Na época, nos anos 1960 e 1970, jogar futebol ajudava a obter uma boa colocação na mina”. O esporte fez com que não só ingressasse, mas também construísse uma carreira na companhia — o percurso inverso de jogadores que, tendo aprendido as primeiras técnicas esportivas nas equipes locais, se consagravam no mundo do esporte. Um dos ídolos de Mario era justamente era Roger Piantoni, filho de italiano que deixou as minas de ferro da Lorena por uma carreira no futebol. Depois do período como jogador profissional, Mario começou na mina aos 21 anos, como operário de subsolo, atuando, paralelamente, na equipe amadora S. R. Creuztwald, incentivada pela companhia. Com o acesso à formação técnica, foi progredindo na hierarquia profissional, até chegar a encarregado. Com o fechamento da mina, Mario, com 46 anos à época da entrevista, era um *congé charbonnier en fin de carrière* (CFCC)²⁴ e dedicava parte do seu tempo a uma equipe amadora. Aos sábados, o S. R. Creuztwald Vétérans reunia ex-mineiros e não mineiros em confrontos com times amadores da região, por vezes se lançando em disputas internacionais com clubes vizinhos alemães.

Filho e neto de mineiros de carvão, Fabrice Schmidt, 54 anos, trabalhou durante trinta anos na mina La Houve, sempre como operário de subsolo. Aposentado havia nove anos, é sindicalizado à CGT, sindicato que considera “o mais

²⁴ Nessa condição, acordada no *Pacto Charbonnier* firmado em 1994 pela Charbonnages de France e as centrais sindicais (com exceção da CGT, que foi contrária), com o fechamento definitivo das minas, o empregado recebe 80% do salário para ficar à disposição da empresa até a idade da aposentadoria.

revolucionário” entre os cinco da categoria na localidade. Ao lado da militância sindical, Fabrice manteve por mais de duas décadas uma militância esportiva, como dirigente do S. R. Creutzwald. Ele explicou que até os anos 1980 havia na cidade diferentes clubes — “em cada bairro havia um clube” — não propriamente ligados à mina, mas auxiliados pelo fato de a companhia ter construído o estádio, cedido campos para os treinos e disponibilizar transporte em campeonatos. A equipe do S. R. Creutzwald era a mais tradicional, de forma que seus jogadores obtinham vantagens tais como uma atividade mais leve e a liberação para participar dos treinos. Fabrice ressaltou que a empresa “facilitava o acesso ao trabalho aos bons jogadores”, tendo havido vários operários que foram recrutados pela qualidade esportiva. Por vezes, a procura por atletas ultrapassava as fronteiras do país. O próprio Fabrice envolveu-se certa vez numa operação de caça-talentos na Polônia, procurando jogadores para atuar na equipe e trabalhar na companhia.

Robert Della Mea também construiu uma trajetória combinando as atividades sindicais, políticas e o envolvimento com o futebol amador, que ainda mantém na condição de *congé charbonnier* (CFCC), desde o fechamento da mina. Filho e neto de operários italianos, ele ingressou na mina como operário de subsolo, chegando depois a um dos níveis de contramestre. Sindicalizado à CFTD, começou a militar no Partido Socialista nos últimos anos, tendo sido eleito ao Conselho Municipal, onde integra a Comissão de Esportes. Jogou praticamente em todas as equipes locais de futebol, tendo sido vinculado durante dezessete anos ao Racing Club de Creutzwald, ainda em funcionamento. Depois, tornou-se professor na escolinha de futebol infantil ligada ao S. R. Creutzwald. Carismático, converteu o prestígio obtido como atleta em uma carreira sindical e política, ao mesmo tempo em que continuou a atuar no mundo do futebol. Ele afirmava que, na companhia carbonífera, “o bom jogador de futebol tinha um emprego na superfície, mas era pago como se trabalhasse no subsolo”. Ou seja, os mineiros-jogadores naquele contexto usufruíam mais do que privilégios simbólicos: recebiam também vantagens financeiras. Para obter o melhor rendimento desses atletas, era necessário preservá-los do trabalho nas galerias, mas isso era feito mediante uma lógica mais atrativa de remuneração e de possibilidades de ascensão profissional. Ele ressaltava que muitos dos bons jogadores de sua época ascenderam mais

facilmente na hierarquia da empresa e se tornaram *porions* (encarregados), contando com a ajuda de engenheiros que, não raro, ocupavam a presidência dos clubes de futebol.

O primeiro informante a tocar no tema dos privilégios concedidos pela companhia aos mineiros-jogadores de Creutzwald foi um antigo encarregado da mina, Léon Gauthier, na minha primeira ida a campo. Ele me contou, com certo humor, que havia bons jogadores entre os operários e que esses recebiam atenções especiais das chefias, de forma que quando marcavam um gol numa disputa podiam sair mais cedo do trabalho. Havia até mesmo uma margem maior de tolerância diante de indisciplinas ou de conflitos nos quais esses trabalhadores estivessem envolvidos.

O time principal do S. R. Creutzwald ainda é considerado o clube “oficial” da localidade, embora existam outros. Depois de jogar em divisão nacional, a equipe foi perdendo a posição e hoje disputa campeonatos amadores regionais. Entre os rivais, estão o Union Sportive Forbach, criado em 1909, na cidade de mesmo nome, assim como as equipes de Merlebach e de L’Hôpital. Nos tempos das minas, esses times protagonizavam disputas acirradas entre as comunidades formadas em torno do carvão.

FILHOS DE MINEIROS E A PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL

Nos dois contextos, os filhos de mineiros reproduzem o gosto pelas práticas esportivas apostando muitas vezes na construção de carreiras profissionais. Alguns deles, saídos de meios em que o futebol era incentivado pelas companhias de carvão, acabaram ganhando notoriedade nacional e internacional, tal como os casos do ex-lateral direito do Internacional de Porto Alegre, Daniel da Costa Franco, e do meio-campo Mustapha Hadji, que defendeu a seleção do Marrocos em duas Copas do Mundo.

Foi no mesmo clube da Lorena francesa no qual Michel Platini, neto de mineiro italiano, começou sua carreira profissional, em 1972, o Association Sportive Nancy Lorraine (ASNL), que um filho de mineiro marroquino começou a sua, vinte anos depois, antes de também se tornar ele mesmo um jogador de prestígio internacional. Fui apresentada ao jogador Mustapha Hadji por

dois amigos seus. Ex-meio de campo, considerado um dos jogadores mais brilhantes que a África já teve, Mustapha nasceu em 1971 em Ifrane, província de Guelmim, no Marrocos, e chegou à França com dez anos, junto com a família, formada pelos pais e seis irmãos. Antes de ingressar na mina, seu pai havia trabalhado como agricultor e como pedreiro na aldeia marroquina onde viviam. O avô de Mustapha havia migrado para a França depois da Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1947-1948, para trabalhar nas minas de carvão. Enquanto o pai trabalhava na mina, o menino Mustapha estudou até concluir o equivalente ao Ensino Médio (BTS), depois parou para dedicar-se à carreira de jogador. Dos primeiros tempos na França, recordava-se das dificuldades financeiras e dos preconceitos contra uma família marroquina: “As pessoas não aceitavam facilmente a convivência conosco”. À medida que foi ganhando prestígio no futebol, essa relação com os franceses “foi ficando mais calorosa”. Seu pai trabalhou na mina La Houve durante dez anos e abandonou o ofício quando o filho assinou o seu primeiro contrato profissional: “Tudo o que ele fez por mim eu precisava retribuir”, me dizia o jogador. Aos onze anos, seu cotidiano era jogando na rua com outros filhos de mineiros. Aos dezoito, tornou-se um atleta profissional. Essa conquista individual não significou apenas a ascensão social de uma família, mas também uma simbólica redenção para todo um grupo de imigrantes de origem norte-africana na França. Diplomático, Mustapha não situava a revanche de estrangeiro no primeiro plano de seu relato e, sim, a solidariedade do grupo familiar: “Quando se tem um pai mineiro, como o meu, é a vitória de toda a família que teve que trabalhar duro desde muito cedo”. Contava que, para ser aceito na sociedade local, ainda quando era olhado com desprezo, tinha fixado esse objetivo: vencer como jogador.

Ficou oito anos jogando em Nancy, depois, reconhecido por seus habilidosos dribles e seu “jogo imprevisível”, fez uma carreira internacional, atuando em clubes de Portugal, da Espanha, dos Emirados Árabes, da Inglaterra, da Alemanha e, mais recentemente, da Bélgica. Chegou a ser convidado pelo técnico da seleção da França para disputar uma Copa do Mundo, mas recusou, preferindo portar as cores de seu país, o Marrocos, nas disputas mundiais de 1994 e 1998. Em casos como o dele, trata-se da difícil escolha de uma identidade nacional, dividida entre o pertencimento de origem e a vida no presente.

Defendendo o Marrocos na Copa do Mundo de 1998, o jogador marcou um gol notável contra a Noruega, que ajudou a construir sua fama internacional. Surgiram contratos milionários, na ocasião com a Inglaterra, e o reconhecimento de um continente com o título de “Balão de Ouro africano”. Atualmente, Mustapha tem três irmãos que jogam futebol. Um deles, Youssouf, é profissional no A. S. Nancy Lorraine. Aos 38 anos, jogando desde 2007 num clube com menos notoriedade na Bélgica, Mustapha continua a ser uma estrela na Lorena. As honrarias internacionais continuam: ele foi um dos embaixadores da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul.

Minas do Leão também tem seus próprios exemplos ilustres. Numa conversa sobre futebol, meus interlocutores nunca se esqueceram de mencionar um filho de mineiro que teve uma trajetória consagrada: Daniel da Costa Franco, ex-lateral direito do Internacional de Porto Alegre nos anos 1990 ³/₄ e que atuou ainda no Corinthians, no Bahia, no Atlético de Minas Gerais, e no F. C. St. Pauli, da Alemanha, entre outras equipes. Daniel é um dos quatro filhos do ex-mineiro Bega e da ex-operária de fábrica Maria, moradores de Minas do Leão. Conheci Bega e Maria durante minha etnografia de mestrado, em 2003. Ele havia trabalhado em condições precárias na antiga Mina da Coréia nos anos 1950 e 1960. Começou na mineração aos nove anos, num tempo em que o carvão era puxado por cavalos na superfície da mina. Aos catorze anos, começou a trabalhar nas galerias. Depois da aposentadoria, dirigia seu próprio caminhão transportando carvão das minas. A distração do velho mineiro eram as carreiras de cavalo, mas sempre acompanhou com orgulho a trajetória do filho jogador. Considerado num momento o melhor lateral do país, Daniel chegou a ser cotado para a Copa do Mundo de 1994 – que teve a atuação de outro filho de mineiro nascido no mesmo ano que ele, Mustapha Hadji. Depois de uma exitosa carreira, Daniel afastou-se do futebol por algum tempo e cursou a faculdade de Administração. Em 2007, voltou ao Beira-Rio como auxiliar técnico da categoria júnior e, paralelamente, iniciou a faculdade de Educação Física.

A trajetória de Daniel inspiraria outras gerações de garotos em Minas do Leão, como André que, incentivado por um empresário, foi tentar a sorte na Argentina. Lá, teve a possibilidade de fazer testes no Boca Juniors. Em função da regra dos quatro estrangeiros no time, não foi aproveitado. Mas tinha

Mina de jogadores:

vivido ali momentos inesquecíveis: não se cansava de contar sobre o gol que fez com um passe do craque argentino Riquelme. Depois disso, André também fez testes no River Plate. Não obtendo a contratação, voltou a Minas do Leão em 2001 e continuou jogando em equipes locais. Dois anos depois, com o nascimento de sua filha, André abandonou o projeto da profissionalização no futebol. Em 2008, recebeu uma proposta de uma empresa terceirizada que presta serviços a uma mineradora para que jogasse na equipe e trabalhasse na preparação das galerias da mina $\frac{3}{4}$ reproduzindo, de certo modo, a situação dos antigos mineiros-jogadores. No entanto, como lembrava o ex-mineiro Alírio, pai de André, esses “novos mineiros”, contratados por terceirizadas enfrentam condições bem mais penosas e precarizadas. Direitos como o de seis horas diárias para o trabalho no subsolo não existem nessas empresas e os salários são bem inferiores aos da companhia estatal, a CRM. Num cenário de fechamento das minas subterrâneas na região, o talento de André no futebol, como meio século antes, pôde abrir-lhe as portas para um emprego, mas não lhe conferiu o prestígio e as possibilidades de ascensão dos antigos mineiros-jogadores de Minas do Leão.

SOCCER PLAYERS' MINE: THE WORKING SOCCER AND THE CONSTRUCTION OF THE SMALL HONOR

ABSTRACT

Starting with an ethnographic study in the miners communities from Minas do Leão, in Rio Grande do Sul, and from Creutzwald, in the French Lorraine, I analyse in this article the paths of miners-players: workers hired for their talent in soccer who obtained privileges in their professional ascension in coal companies. Such practices, maintained until the 1980s, allow us to reflect on the role of the working class soccer in the constitution of masculinity and social identities in both contexts. Those cases still reveal the ways by which the pertaining to the soccer teams linked to the mines fulfill a central part in the building of what I call "small honor" related to sport, i.e., the social value attributed to the individual and assimilated by him, which derives from his physical skills. In such universe, that format of "small honor" is connected to a "great honor", to the image of braveness and heroism that the underground mine workers bring within themselves.

KEYWORDS

Coal Miners; Small Honor; Soccer; Ethnography.



[Operários-jogadores: O padieiro Zé Custódio (o segundo à esquerda, de boina e óculos escuros), comparado a Garricha no talento com os dribles, foi treinador da equipe do Atlético, em Minas Leão (RS), ligada ao então Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM), nos anos 1960. Na foto, estão ainda os trabalhadores de mina Ademair Rodrigues (em pé, o quarto à esquerda), o goleiro Antônio Manoel Alves Freitas (em pé, o segundo à direita, de camisa escura) e Zoely de Oliveira (agachado, no centro)]. (Foto: acervo pessoal Carlitos; reprodução Marta Cioccarri, 2008.)